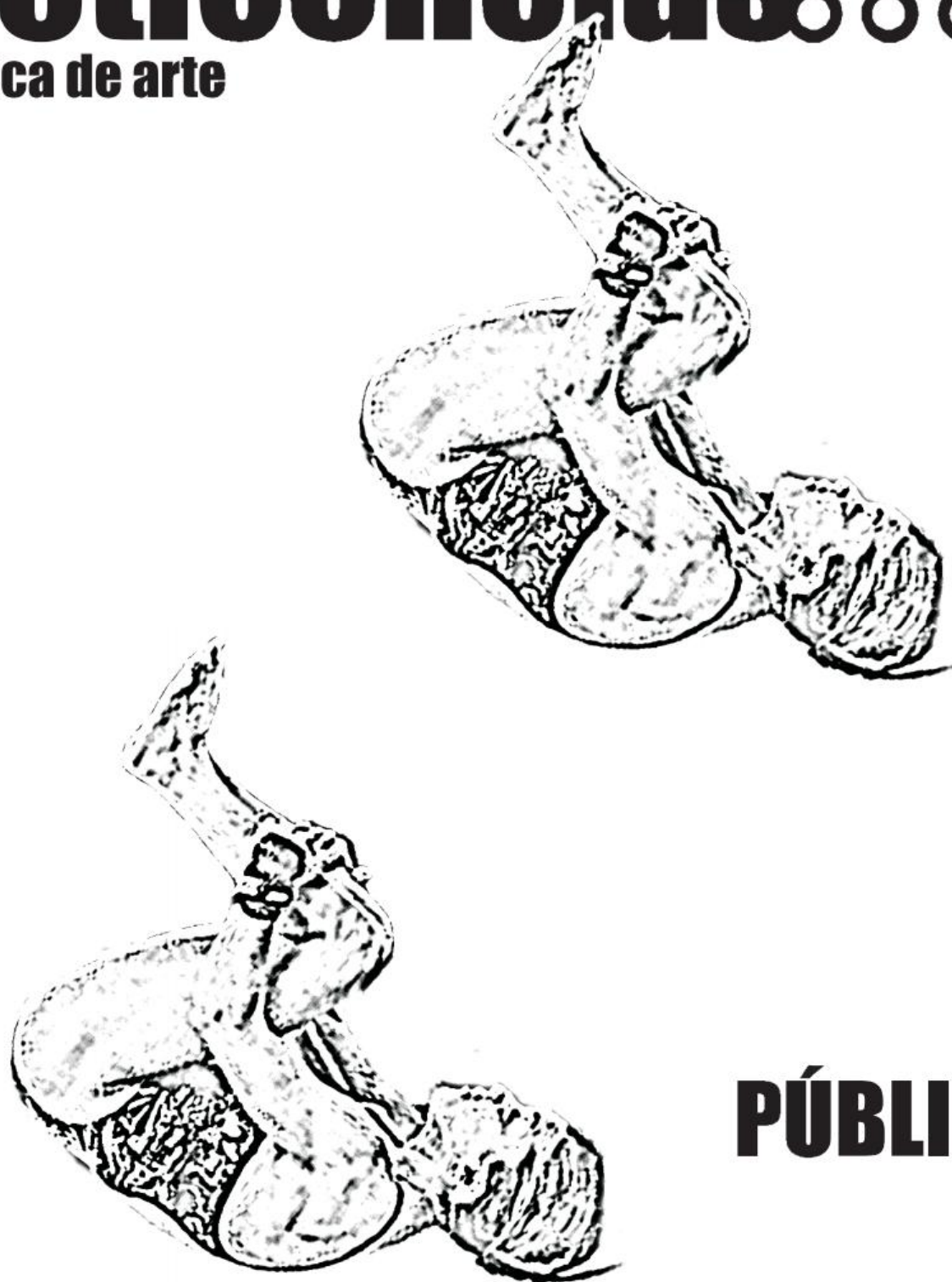


Reticências...

Critica de arte



PÚBLICO
MERGULHO 02

o o o Expediente

Editora

Ana Cecília Soares

Editor e Designer Gráfico

Júnior Pimenta

o o o Contato

E-mail

reticenciascritica@yahoo.com.br

Na ultima página, temos os anúncios:

Anúncio Panfleto, Murilo Maia, 2009.

Tem Crédito? Dinheiro Fácil! Grupo Poro, 2008.

Alugam-se, espaços públicos, Júnior Pimenta, 2009.

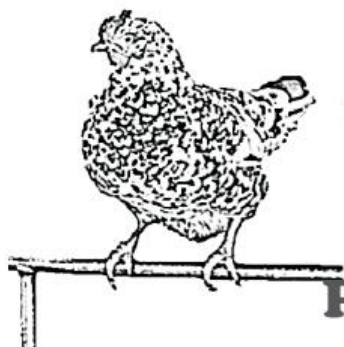
o o o Editorial

Parece até uma reação em cadeia ou um tipo de semiose infinita, aonde uma coisa vai puxando a outra coisa e por aí vai... Assim, digamos, é que vão se chegando às idéias e se construindo os projetos... Pesquisando sobre o significado da palavra “publicação”, chegamos à designação de: “ato ou efeito de publicar”. E de publicar, “caímos” na noção de: “levar ao conhecimento público”. Mas, e a palavra público que sentidos ou contextos vêm abrigar? Eis a questão ou, como preferirem, “a pulga atrás da orelha”. Levados a essa inquietação, resolvemos dedicar o tema da segunda edição da revista Reticências...crítica de arte / Mergulho 02 a temática:público.

Tratar as mais diversas relações e ambigüidades pipocadas do vocábulo público no circuito das artes visuais é a pretensão desse novo número. A escolha do assunto da revista, também, está relacionada ao contato com o trabalho “Fotocópias, 2008”, que integra a exposição “Sobrepostas, permeáveis e intercambiáveis”, individual do Artista Vitor César, que aconteceu até o dia 12 de agosto de 2009, no Centro Cultural Banco do Nordeste. Em fotocópias, o artista faz a proposição através de um cartaz, onde qualquer pessoa podia tirar cópias grátis, desde que tenha a palavra “público” na página a ser copiada.

A partir desse trabalho, inicialmente pensamos em subverter a sistemática de cópias gratuitas, para realizar a impressão de nossa própria publicação (totalmente gratuita, totalmente free!), bacana, não? Mas não foi o que de fato aconteceu, pois a sistemática do trabalho tinha um limite Máximo de cópias, então só conseguimos fazer apenas algumas dezenas de cópias, todo o restante foi custeado pelo próprio grupo oVo. Mesmo acontecendo sem um apoio institucional vamos disponibilizar todo o conteúdo grátis, tanto aqui na revista como também no nosso site, e com isso tornar o nosso discurso público.

Ah, e antes da “Reticências...crítica de arte / Mergulho 02” sair circulando por ai de mão em mão, aproveitamos a atenção de vocês para agradecer aos que colaboraram com essa publicação, seja através de texto, “anúncio” para o nosso classificado ou por nos terem concedido entrevista...então, é isso! Aproveitem esse mergulho no infinito, afinal ele é de graça...



Preenchendo vazios

Por Ana Cecília Soares



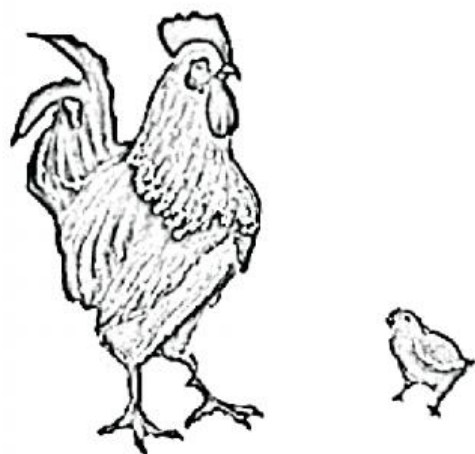
Um gorjeio tímido e metálico ecoava desengojadamente pelos arredores do hall do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB). O exasperado cocoricó saído de um galo branco com olhar assustadoramente amarelado, por segundos, abafou-se pelas buzinas desvairadas dos carros, que cortavam vorazes a rua Floriano Peixoto. Endereço em que fica o espaço cultural.

O conjunto de aves (o casal de galo e galinha e mais três pintinhos), uma piscina de plástico azul, cheia até a borda e com temática de ondinhas, uma rede de vôlei armada com sinalizações que simulam uma quadra de jogos, são algumas das “peças” que dão corpo a exposição “Ambulantes em Espaços Vagos”, dos artistas mineiros Breno Silva e Louise Ganz.

A mostra farta aos olhos daqueles que param para observá-la. Seja pela reunião de objetos diversos e, muitas vezes inusitados, distribuídos pela branquitude do espaço expositivo; ou ainda, pela criação das situações que delas emergem.

Numa mistura efusiva de humor, conscientização política e social, visão urbanística e até da linguagem publicitária, “Ambulantes em Espaços Vagos” é uma mostra que inquieta o espectador, principalmente, pelo fato de se opor aquilo que as pessoas, de uma maneira geral, compreendem como arte.

A expressão artística se camufla aqui à outras realidades, dentre as quais, por mais estranho que possa parecer, destacam-se a do mercado varejista. Criando, numa falta de expressão melhor, uma espécie de “poética artístico-comercial”.



Uma vez que, a exposição é composta por diversos kits, direcionados a utilização de espaços vagos da cidade, que não deixam de ter certo fim mercadológico. “São incríveis equipamentos para intensificar o seu dia a dia nas cidades. Com eles você potencializa o uso temporário de espaços que não estão sendo aproveitados como: vagas de carros nas ruas, terrenos baldios, árvores”, trecho extraído de um dos cartazes fixado nas paredes, que funcionam como um tipo de manual de instrução ou panfleto publicitário para o público.

Cada kit é possuidor de uma função específica, como manicure, ambiente com som, mesas para almoços nas calçadas, granjas ambulantes, pequenos balneários ou quadras para jogos. Sendo acompanhados de explicações do tipo: “transforme sua mochila em uma quadra, um pic-nic ou tenda ao ar livre” ou “transforme seu carrinho ambulante em um salão de beleza ao ar livre em poucos minutos”.

Além das explicações e da montagem dos kits, a mostra traz ao público cerca de 11 fotografias, que exemplificam outras maneiras de utilização de espaços abandonados, aparentemente, sem função.

Ilustradas por diversas paisagens, permeadas pela sobreposição de imagens semelhantes as das placas de sinalização de trânsito. Cada uma das fotos contém informações e sugestões hilárias (por que não exóticas?), Do tipo: “Casamento - No Brasil o número de casamentos cresce 7% a mais que nos anos 90. O ritual normalmente é realizado em igrejas e salões de festa. Mas muitos são locais caros. Pode-se casar em terrenos baldios, cheios de flores e árvores”.

Além delas, o visitante pode presenciar a exibição de vídeos sobre as ações que foram desenvolvidas, tanto em Fortaleza como em outras cidades do país, durante a efetivação do trabalho “Lotes Vagos”.
Intervenção de Breno e Louise que deram origem a exposição.

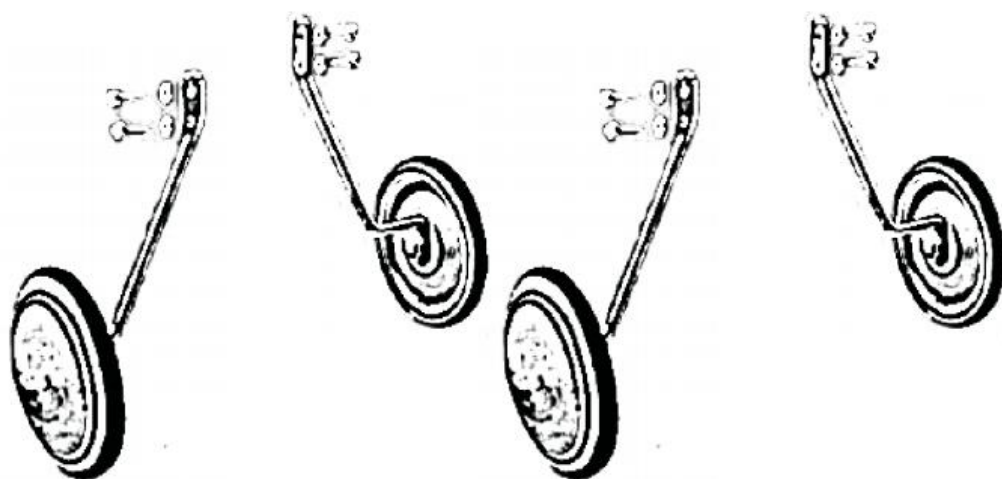
Num panorama geral, pode-se dizer que “Ambulantes” concretiza a idéia de arte se interligando a outros campos, remetendo a uma das características mais importantes da produção contemporânea.

Os artistas tentam devolver ao uso comum aquilo que estava ficando sem funcionalidade e sem vida. Eles retiram da propriedade algo que era considerado intocável. Profanando seu sentido.

A mostra é também uma forma de nos levar a pensar questões que circundam os espaços demarcados como lotes na cidade, seu uso, função e disponibilidade. Sendo ainda um dispositivo que estimula as pessoas a imaginarem situações e aplicabilidades para aquilo que parecia anulado ou morto.

Longe de convencionalismos e banalizações, o trabalho de Breno e Louise causam inquietações no público, beirando o riso, a admiração e, mesmo, a reação furiosa (da qual presencie uma).

Diante de tão variados sentimentos, pode-se dizer que mais do que nunca, o debate sobre o sentido da arte na contemporaneidade está aberto. Ressaltando que antes de se fazer críticas reativas e pouco cordiais, é da própria natureza da arte refletir o seu tempo e, se possível, provocar o pensamento crítico e transformações. A expressão artística é algo que vai além do gosto e da estética. Ela é a confluência com a própria vida.





Por Júnior Pimenta

José dia desses caminhando pelo centro de Fortaleza, seguindo o seu itinerário até chegar à Praça do Ferreira, lugar onde havia marcado um encontro; deparou-se com um cartaz, que estava localizado na entrada do Centro Cultural Banco do Nordeste.

Nele havia as seguintes informações: “Hoje, grátis fotocópias com a palavra público”. E pensou: “Tem que ter a palavra público, acho que vou tirar umas cópias, já que é de graça. Mas, será que é de graça mesmo?” Então, decidiu procurar algo em casa para xerocar e voltar depois. Antes de ir embora, entrou no Centro Cultural e certificou se realmente era gratuito o serviço, e continuou sua caminhada feliz da vida com a veracidade da informação.

Outro dia, estando em casa, José lembrou-se da tal xerox grátis, e resolve procurar alguma página com a palavra público, e enquanto procurava a tal folha, pensava em voz alta: “Porque será que estão tirando xerox de graça? Será que é alguma pegadinha? Aquele dia perguntei e falaram que era verdade, então, tomara que seja, né? Pois de todo jeito amanhã vou lá tirar as minhas cópias (risos)”. Assim, interrompe a fala e parece ter encontrado o que procurava.

No dia seguinte ao acordar, lembra-se do plano de tirar suas cópias. Toma café, um banho e depois segue com a folha em sua pasta, para não amassar, e parte em direção ao Centro Cultural Banco do Nordeste.

Lá, depara-se com a máquina copiadora e de imediato saca, velozmente, da pasta a sua folha, que, logo, será multiplicada.

José ver um rapaz atrás da máquina e pergunta: “É aqui que tira xerox de graça, é?”. E o rapaz prontamente responde: “Sim, mas só se tiver a palavra público”. José contesta de imediato: “Eu sei, e tá aqui minha folha, ôôô!”. E nesse momento ele mostra a sua folha ao rapaz, como forma de provar que estava dentro da norma exigida. O operador da máquina fala: “Tudo bem, tá certo, é que tinha pensado que o senhor não sabia.” E como naquele caso, o profissional que operava a máquina fotocopidora não estava ganhando por produção, começou então a puxar conversa.

“O senhor sabe que isso faz parte de uma exposição de arte? Ou melhor, o senhor sabe que isso é o próprio trabalho? E que se chama “Fotocópias”, e foi criado nesse ano de 2009”. José de pronto indaga: “Sério? E a exposição é só isso?” O operador responde de forma mais completa: “Essa exposição não é muito convencional, porque ela tem seus trabalhos em várias partes do centro cultural, não se limitando ao espaço expositivo destinado a ela. O nome da exposição é: ‘Sobrepostas’, permeáveis e intercambiáveis”, do artista cearense Vitor Cesar”.



Fotocópias, 2009.

José diz: “Tudo bem, então, enquanto você tira minhas cópias, vou dar uma passeada pela exposição”. O rapaz pergunta: “Mas quantas cópias o senhor vai querer?”. José responde já se deslocando em direção a outros trabalhos: “Vou querer quinhentas cópias”. O rapaz diz: “mas como é nome do senhor? Para eu deixar aqui separado?”. E José já meio distante, grita: “Meu nome, é José!” e continua a sua andança.

Após algum tempo, ele volta e pergunta se as cópias estão prontas, mas o rapaz ainda não havia terminado. E dessa vez, quem começa a puxar conversar é José: “Rapaz, pelo que vi hoje nessa exposição, tudo agora pode ser arte, e se está aqui é porque é arte, né? De letreiros até tirar xerox. Antigamente era bem diferente, tinha que ter técnica, mas as coisas mudam, né? E sabe que até que gostei”. E continua a conversar enquanto espera o rapaz terminar o serviço.

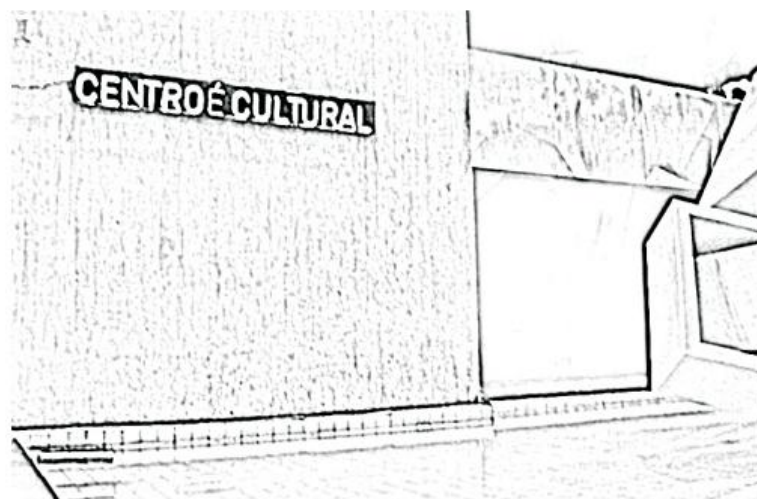
Deixando um pouco de lado, José e sua epopéia da xerox gratuita, vou me deter a uma reflexão sobre esse trabalho, já mencionado, e de outros presentes nessa exposição. “Artista é público, 2008/2009” consiste na afixação de letras em relevo, usadas para identificar prédios com nomes e/ou números, formando o título do trabalho, mas que nesse contexto absorve uma recodificação, por se localizar dessa vez dentro e não como habitualmente é usado, fora do prédio.

A ambigüidade está presente em toda a exposição, como, por exemplo, na relação da palavra “público”, que pode definir espaços, audiências ou freqüentadores de uma determinada situação, entre outras definições. E nesse trabalho podemos pensar na palavra artista, como um ser que mesmo produzindo de forma individual, produz algo pertencente a coletividade, uma postura ética perante a sociedade que pertence.

Mas por outro lado, podemos definir a colocação artista é público, como o grupo de pessoas reunidas em torno de um interesse comum pela arte, sendo formado quase que exclusivamente por artistas. Fato que limita o contato da produção artística a um circuito fechado. Por que será que isso é assim? São várias as causas, mas sei que em alguns momentos fico meio desestimulado em poder contar com um público tão restrito e específico.



Artista é público, 2008/2009



Centro é cultural, 2008

Já em “Centro é Cultural, 2008”, localizado na parte externa do espaço expositivo, trabalho composto por letreiro luminoso em neon. A palavra cultural advém de algo relativo ou pertencente à cultura intelectual, à cultura de uma coletividade. Já a definição de cultura, é bem mais ampla, mas poderíamos tentar definir como o conjunto de estruturas sociais, religiosas, de manifestações artísticas...que caracterizam uma sociedade. Nesse trabalho mais uma vez, o jogo de palavras é usado. Se o centro é cultural, o que são as coisas que não estão no centro, não é cultural? O que difere o que esta dentro, do que esta fora? Já que tudo faz parte das características da sociedade pertencente?

Após essas minhas colocações eis que enfim José recebe suas quinhentas cópias, e no momento do recebimento, o operador que ainda não sei o nome, e pelo visto não chegarei, a saber, diz: “Seu José, para que o senhor quer tantas cópias de uma mesma folha?”. José então fica meio confuso, pois nem mesmo ele sabia o porquê, e depois de alguns segundos calado, José diz: “ Sei lá...” e o rapaz o questiona mais uma vez: “ Para que o senhor tirou então?”, e José responde com toda a sua sinceridade: “Não sei, mas já que era de graça mesmo, e ninguém vai perder nada, afinal isso aqui não é nem seu, nem meu, nem de ninguém, é público”.



Sobre autenticidade e legitimidade

Por Ana Luisa Lima*



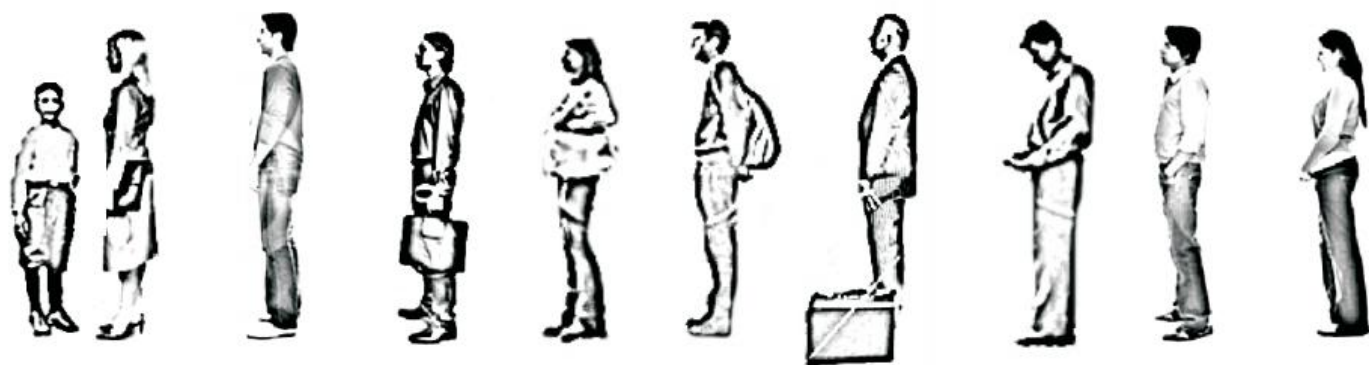
Nessa minha curtíssima caminhada junto às questões que permeiam o universo da arte consegui, pelo menos, distinguir duas coisas que usualmente se confundem, e que talvez essa distinção possa vir a ser um início importante de meus próprios pensamentos sobre obra de arte. Quando se fala em legitimidade de uma obra de arte, inevitavelmente nos deparamos com o trinômio **artista-obra-público**. Acontece que, para além deste, a legitimidade é *juízo de valor* constituído em determinado espaço-tempo e que pode vir a ser alterado. Ora, para mim, as questões de legitimidade acontecem dentro de um fenômeno imbricado **artista-obra-agente cultural-público** – chamo de agente cultural o espaço ocupado pelos pesquisadores, jornalistas, curadores, críticos, ou instituição cultural que inevitavelmente criam parâmetros e filtram o acesso direto das obras e o público comum.

O *nascimento* de uma obra é coisa diferente, e se dá diante daquele puro e simples trinômio: *artista-obra-público*: que são também os elementos constitutivos do que chamamos arte (que não devem ser confundidos com os elementos constitutivos do que podemos chamar obra-objeto – a obra vista sobretudo pelo caráter de coisa –, nesse sentido, há que se falar em códigos da arte: pigmento, imagem, metáfora...). Nessa instância, não há juízo de valor e sim *acontecimento*: uma vez a obra nascida sua existência não pode ser alterada.



É pautada na idéia de obra de arte como **acontecimento** que refuto quaisquer argumentos discursivos que alguém um dia possa vir produzir sobre autenticidade de uma obra de arte. Porque qualquer tentativa de incluir forma/conteúdo de finalidade ideológicas (porque, acredito que só assim é que se pode fazer essa pretensiosa distinção de autenticidade ou não de um trabalho) como elemento constitutivo da arte é recair em incoerência com a própria natureza de obra. Pois, para mim, toda obra de arte já nasce *autêntica*, e que passa disso é especulação do sistema complexo de arte, que como já dito, se modifica no espaço-tempo. Logo, não há em que se falar em finalidade ideológica como parte integrante, tampouco, *sine qua non* da obra.

Como agente cultural, tenho por maior dos desafios o já não mais criar parâmetros estéticos, tentativas inúteis de moralizar o fazer artístico, mas ter um proceder ético que redimensione o sistema de arte a tal modo que cada vez mais a obra chegue ao público comum sem tantos filtros. Daí legitimidade de uma obra ser menos valor construído para um mercado econômico e mais uma voz de um artista genuinamente reconhecida como a que canta as melodias de significações contingentes e/ou universais.



Ora, a autenticidade da obra de arte tem a ver com sua verdade, e esta é segredo: seu valor pode estar na denúncia, ou na afirmação de um *modus vivendi* equivocado, na militância contra maus-tratos, ou na sua condição de desesperança. O grande equívoco dos agentes culturais é querer mediar demasiadamente o acesso ao público comum, imaginando que este não é capaz de acessar os códigos da arte. Muito pelo contrário, acredito que se hoje há um distanciamento entre arte e público é mais por uma inabilidade desta última de criar um diálogo e menos a capacidade do público de fruir – como usualmente se costuma pensar.

É preciso saber que o público é a grande variável que pode nos surpreender nesse trinômio artista - obra - público, independentemente de regras e expectativas comumente gerada pelos agentes culturais. Porque, ao contrário do que podemos imaginar, cada público é que sabe o que é *bom*, e aquilo que melhor lhe representa. De outro modo, a arte será menos linguagem poético-simbólica que um dia virá a ser o imaginário de uma coletividade, mais um exercício estético afônico fadado a ser apenas mais um objeto histórico biográfico qualquer.

* **Ana Luisa Lima**, é crítica de arte, vive e trabalha no Recife, e é uma das editoras da revista Tatuí.

[EntreVISTAS] com **Marcelo Terça-Nada!**

Marcelo Terça-Nada! vive e trabalha em Belo Horizonte, Brasil. Forma o Grupo Poro juntamente com a artista Brígida Campbell. O Poro atua desde 2002 tendo como focos principais o espaço público, as manifestações efêmeras e as mídias de comunicação popular.

Marcelo também articula e participa de vários projetos coletivos e pessoais, sempre transitando por diversas áreas: intervenção urbana, fotografia, gravura, poesia etc... Criou e mantém o *Redezero – comunidade de projetos micro-político-culturais*. É editor do site: <http://virgulaimagem.redezzero.org>



Como surgiu o Poro? E com qual propósito?

Primeiro existiu o “GRUPO”, coletivo de pessoas interessadas em realizar intervenções urbanas. O “GRUPO” se dissolveu, mas eu e a Brígida continuamos a fazer trabalhos juntos. Algum tempo depois, resolvemos batizar a parceria e então surgiu o Poro.

De que forma é pensado o espaço público, onde vocês atuam?

Pensamos a intervenção urbana como uma forma de refletir sobre o espaço público e de atuar diretamente em situações e espaços específicos.

Como é pensada a participação nas intervenções por parte do público?

As intervenções em espaço público estão abertas à interação e re-apropriação por parte das pessoas, o que acontece de modo espontâneo. Não fazemos nenhum planejamento em relação a isso. Por outro lado, vários de nossos trabalhos têm uma instância de proposição, as pessoas são convidadas a olhar a cidade e intervir nela a partir de trabalhos do Poro como: *Imagem Cor*, *Azulejos de papel*, *FMI – Fome e Miséria Internacional* e todos os trabalhos-panfletos (disponíveis para download em:

(www.poro.redezzero.org/downloads.htm)

Por serem ações efêmeras, de que forma elas prolongam sua existência?

As ações continuam existindo enquanto imagens e memórias. Imagens produzidas enquanto registro, mas que circulam por diferentes meios (sites, emails, impressos, espaços expositivos). Histórias/memórias guardadas pelos passantes que viram as ações.

Mesmo com uma preocupação com elementos poéticos, a produção de vocês apresenta um grande posicionamento social e político, como é feita essa junção?

Tanto eu como a Brígida sempre tivemos engajamento social ou fomos conectados com alguma forma de ativismo. É natural que isso esteja presente nos trabalhos do Poro, do mesmo modo que a poesia faz parte dos trabalhos.

Como é desenvolvido por vocês o trânsito dos trabalhos em espaço público para os espaços expositivos como museus e galerias? E mesmo inicialmente estando à margem do sistema de arte, no espaço público, por que, essa necessidade de ir para cubo branco?

O cubo branco não é, em absoluto, uma necessidade. Somos formados em artes plásticas e, individualmente, o universo dos espaços expositivos já fazia parte do nosso repertório visual antes de realizar experiências de intervenção urbana. O trabalho do Poro se relaciona com os espaços expositivos criando relações de transbordamento e/ou trazendo elementos e reflexões do espaço público para espaços internos, sejam de galerias, sejam de casas de amigos. Outros trabalhos são convites-proposições para que os visitantes levem seu olhar de volta à cidade de outro modo, convidam os visitantes a atuarem na cidade a partir de propostas nossas. A relação com o entorno das galerias também é um desafio que gostamos. Porque não pensar uma exposição ou um trabalho dentro do espaço expositivo como uma forma de ocupação ou intervenção em situação/contexto específico?



Tira essa mão daí!

por Júnior Pimenta

Quase um ano depois, agindo como num processo necessário de ruminação, volto o meu pensamento para o 59° Salão de Abril, de Fortaleza, que aconteceu em 2008 e teve como tema: “Arte: desejo e resistência”. A iniciativa, além de ter utilizado os espaços convencionais, também, ampliou suas fronteiras para os terminais de ônibus do Papicu e do Siqueira, propondo uma reflexão sobre a relação entre público, obra e artista.

De acordo com a Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (Etufor), nesses terminais circulam diariamente 480 mil pessoas. Assim, o objetivo principal dessa ocupação era de levar a arte contemporânea para uma parcela da população que não tem contato com ela. Ou seja, tornar mais democrática as ações culturais da Prefeitura de Fortaleza. Essa questão da falta de acesso a exposições de artes visuais é algo que deve ser trabalhado, afinal, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 93,4% da população brasileira nunca foi em uma exposição de arte. Então, realmente é algo que merece ser pensado de forma estratégica.

O cubo branco é um lugar que normalmente intimida o público, mesmo, quando se tratam de espaços com programação gratuita. Muitas pessoas não conseguem entrar nesses lugares, por acharem que não são apropriados para elas.

A vontade inserida na concepção do Salão, pode ter sido bastante benéfica, porém, algumas questões pertinentes ao que foi proposto precisam ser ressaltadas, como:

Democratização do acesso à cultura, realizando essa aproximação da arte/Público. Mas será que democratizar é apenas promover o contato? Esse processo de formação de público é algo que envolve outras esferas, não apenas a parte do acesso, mas a questão da formação do público, teria que promover a integração do sistema de arte com o sistema educacional do país, desde o ensino básico ao superior.

Como ocorre esse contato com o público? Nessa situação específica esse contato nos terminais, não aconteceu de forma tão amigável, pois 80 guardas se revezavam para garantir a segurança dos trabalhos 24 horas por dia. Eles utilizavam normalmente frases de efeito moral, como: "Não pode!", "Tira esse dedo daí", "Eu falei que não podia pegar, cara!" "Entendeu, ou quer que eu desenhe?", e entre uma frase e outra, um dos seguranças observado aumenta o volume de sua fala e infla o peitoral, processo de inchar esse, bastante semelhante ao peixe betta, ou Também conhecido como "peixe de briga", Tudo isso para proteger um trabalho de Francisca uma senhora de 67 anos de idade, que só estava curiosa com aquilo.

Convidativo? Assim como alguns dos trabalhos não foram pensados para estarem ali no terminal (o que para mim também é um problema, pois não estabelece nenhuma relação com o espaço público, e utiliza tal espaço como museu ou galeria), a população também não está acostumada com as obras de arte nesse espaço, e como se trata do habitat rotineiro delas, é natural que queiram tocar, agir da mesma forma que do dia-a-dia. Daí, muitas daquelas 93,4% das pessoas que nunca foram numa exposição e que não estabelecem nenhum contato com as artes visuais, será que vão se sentir convidadas a vivenciar essa produção artística? Acho pouco provável, pois depois de uma postura repressiva recebida dos seguranças, acho pouco provável que esse pessoal volte a se interessar novamente. Depois dessa "calorosa recepção", só cabem as pessoas saírem murchinhas... Provavelmente ficando, temerosas de chegar novamente perto de outra obra de arte.

○ ○ ○ Enquete

Público é?

- Pertencente ao povo.
- Relativo ao estado.
- O povo em Geral.
- O que não pertence a ninguém.

Anúncie
Aqui
no...
você
também!

JOVEM ARTISTA PROCURA

Exposição itinerante
(individual ou coletiva) que
ofereça: produção das
obras; catálogo; pró-labore;
despesas de transporte,
hospedagem e
alimentação; sucesso de
público, crítica e mercado.

**INTERESSADOS ENTRAR EM CONTATO
(85) 8806-1821**

TEM CRÉDITO?

Emprestamos quanto você quiser,
depois tomamos tudo que você tem

Carros em 100 meses,
Geladeiras em 3 anos,
Juros a mil.

Quanto menos você paga, mais você deve.

Não caia nessa
Dinheiro Fácil só pra quem empresta

Seja educado: não jogue este panfleto em via pública, passe pra frente

★ ALUGAM-SE ★

ESPAÇOS PÚBLICOS

Para empreendimentos de grande
ou pequeno porte, temporários ou
permanentes. Uma ótima relação
custo-benefício para você.

Interessados ligar p/ (85)99366511

**[FEITA SEM NENHUM
APOIO PÚBLICO]**

REALIZAÇÃO:

G R U P O


www.reticenciascritica.com